

Aos nossos constituintes, sem carinho

pg 3 FOLHA DE SÃO PAULO

CARLOS GUILHERME MOTA

Cultura

- 4 FEV 1987

"A Constituinte pode acabar cedo, através de um acordo, um golpe branco."

(Raymundo Faoro, jurista, ex-presidente da OAB)

As reflexões precárias que a criação do Ministério da Cultura produziu nesta Nova República — ministério proposto pelos mineiros — mais serviram para obscurecer do que para esclarecer questões magnas que nossos constituintes deverão agora enfrentar. A primeira delas é saber o tipo de democracia e o padrão civilizatório a ser proposto para os aglomerados humanos que, no Brasil, teimam em querer constituir uma sociedade moderna. A segunda questão, esta Folha já chamou a atenção inúmeras vezes, em editoriais: o suposto perigo de intervenção do Estado na "área da cultura", além da "mesquinhez de suas motivações subjacentes". O problema é que a "questão da cultura" ainda permanece restrita ao círculo de ferro da Nova República. Na melhor das hipóteses, em sua ponta "esquerda" se encontram representantes reformistas da burocracia neocapitalista, portadores entretanto de uma visão ainda patrimonialista de cultura. Os discursos e reportagens produzidos no cinquentenário do Sphan demonstram isso, além da falta de projeto (s). É triste, dr. Rodrigo.

Espera-se, agora, que a Constituinte não volte a acionar — se a questão for da efetiva democratização das condições de produção cultural — os velhos mecanismos dos "fazendeiros do ar", no sentido de buscar "nossas raízes" e definir nossa famosa "identidade cultural" na ótica da varanda, sejam as velhas varandas de Apipucos e de Cláudio, sejam as novas, maranhenses e paraibanas.

Portanto, a própria existência do Ministério da Cultura deverá ser revista durante o processo da Constituinte, quando novos valores sociais, novas formas de concepção de cultura serão propostas à nação. Aliás, tal ministério foi acoplado a uma torre de Babel, o Estado brasileiro, que deverá sofrer ele também uma revisão profunda, com a denúncia da grande conciliação entre os "liberais" traquejados e os segmentos de uma "esquerda" antiga e sensível à "ocupação de espaços" (leia-se empregos no Estado). Ora, essa grande negociação faz parte de nossa velha "cultura" política, que não leva em consideração "os de baixo", inclusive a classe média, que sempre imagina não estar por baixo. De resto, como observou recentemente o professor Milton Santos, a noção de cidadania, no Brasil foi substituída pela de "usuário".

Nossos constituintes devem saber que, afinal, a questão, não é de "cultura", mas de crítica ideológica e política. Os partidos de oposição não têm — excluídos dez ou onze parlamentares efetivamente lúcidos — um ideário propriamente voltado para o tema da democratização das condições de produção e consumo cultural. Ou seja, de formação de uma nova sociedade civil, sólida, moderna e avançada. O velho PP até que possuía, mais explícita, uma concepção de cultura, vislumbrável por exemplo na atuação combativa e em certa medida suprapartidária de Sábato Magaldi.

Mas os constituintes, preocupados com a definição de uma nova diretriz para nortejar esta sociedade caótica e sem referências, que cresce desastrosamente e vê se aprofundarem suas diferenças gritantes e seculares, devem afastar para longe os perigos

do "acerto pelo alto". Acerto que frustrará, outra vez, uma população cansada com as promessas das diretas-já, a ida ao Colégio, a morte de Tancredo, o fracasso do Cruzado I e a própria forma pela qual esta Constituinte foi instaurada. Uma Constituinte de meia-confecção. O Brasil está cansado, e os "loteamentos" das estatais estão dando na vista. Uma nova frustração será catastrófica, e não vale a pena arriscar, pois historiadores como José Honório Rodrigues demonstram que nossa história é cruenta.

Na América Latina, para a qual o governador Franco Montoro vai acordando tardiamente no caso de seu mandato, não estamos vivendo — como quer o ideólogo mexicano Octavio Paz — sob o signo das rupturas. Basta ver como o veterano ditador paraguaio Stroessner frequenta solenidades do supostamente moderno e competente PMDB paranaense. Não estaríamos, antes, na tradição dos compromissos, das cooptações e da harmonização das diferenças? Hoje não só com os velhos parceiros oligárquicos e ideólogos da "cultura brasileira", mas já com — por exemplo — deputados cristãos avançados defendendo não a escola pública universal, democrática, laica, gratuita e obrigatória, como nos países civilizados, mas o subsídio à privada.

Portanto, aos deputados que pretendem ir além da geléia geral ideológica neo-republicana, advirta-se que, na "questão da cultura", há três grandes problemas que não podem ser sofismados. O primeiro é o da escola pública, universal, obrigatória e de boa qualidade.

O segundo é o da mídia eletrônica, o verdadeiro Ministério da Educação (nas mãos do PFL), que cimenta a

ideologia da nação; é através do Ministério das Comunicações, também do PFL, que o estado pedagógico da Nova República controla a "consciência nacional" (na concepção deles) por meio de concessões e arreglos. Logrará o Congresso constituinte fixar em lei, por exemplo, as formas pelas quais a sociedade civil controlará a concessão de canais de televisão e de rádio e avaliará a qualidade do trabalho das emissoras?

O terceiro problema "cultural" é de natureza regimental: estejam atentos os nossos constituintes, pois o voto durante a Assembleia Nacional não pode ser fechado. Todas as votações têm de ser abertas, para que o eleitor saiba como atuou seu representante e, nessa medida, se rompam as malditas "conciliações nacionais".

Em suma, não há que se discutir isoladamente na Constituinte, numa comissão com esse nome, a tradicional questão da cultura. Ela estará em todas, pois passa pela medicina social (saúde), pela alimentação, pela habitação, pela escola pública, pela pesquisa, pelas bibliotecas acessíveis e museus críticos, pela Universidade, pela ciência, pela tecnologia. E não se esqueçam os deputados que há formas de "cultura" das classes subalternas que também fazem parte da história. Dos clubes de periferia e cidadãos isolados a associações de moradores e oposições sindicais, são muitos os olhos, que se voltam em direção a Brasília, essa cidade frequentemente inútil. Inútil e cara para nós, súditos contribuintes.